

DIFICULDADES DE AQUISIÇÃO DO GÊNERO EM ALEMÃO L2. UM ESTUDO EXPERIMENTAL

Cristina Flores, Joana Matos, Telma Moreira
& Duarte Oliveira¹

Universidade do Minho

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos trinta anos, a aprendizagem do alemão como língua não nativa (doravante L2) tem percorrido altos e baixos em Portugal. Enquanto nos anos noventa ainda era, no ensino básico e secundário, uma segunda língua estrangeira frequentemente escolhida, embora em número bastante inferior ao francês, o interesse pela aprendizagem do alemão em contexto escolar foi decrescendo aceleradamente até ao final da última década. Os motivos deste decréscimo são variados e não importa aqui debetê-los (para uma discussão deste tema, veja a publicação de Grossegesse & Koller 2006). A redução drástica de alunos do ensino básico e secundário com conhecimento de alemão teve consequências profundas no ensino superior, onde as tradicionais licenciaturas de filologia alemã tiveram de se adaptar à nova realidade de os estudantes iniciarem a aprendizagem do alemão na universidade. A crise económica da última década, coincidente com políticas de austeridade, aumento de desemprego e necessidades de emigração, voltou a aumentar o interesse pela língua alemã, desta vez por razões predominantemente económicas e em contextos profissionais mais amplos. Atualmente, a aprendizagem do alemão no ensino básico e secundário é apoiado pelo projeto de ‘escolas piloto’ do Goethe Institut², e

1 O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito da UC de Metodologias de investigação em linguística do Mestrado em Estudos Luso-Alemães da Universidade do Minho.

2 http://www.lissabon.diplo.de/Vertretung/lissabon/pt/06/03__Weshalb_Deutsch__lernen/pilotschule-protokoll.html

tem crescido sobretudo em escolas particulares, registando perto de 10.000 alunos (Riedel & Abrantes 2017), número bastante reduzido em comparação com as outras línguas estrangeiras como o inglês, o francês e o espanhol. No ensino superior e nos cursos de alemão oferecidos por centros de línguas, o interesse pela aprendizagem desta língua é muito elevado, embora, na maioria dos casos, se restrinja a dois ou três anos de aprendizagem da língua (não passando, por isso, além do nível B1).

O presente trabalho foca, precisamente, a competência linguística a alemão de um grupo de estudantes do ensino superior, que, em média, estuda esta língua há dois anos e meio. O principal objetivo consiste em descrever o conhecimento que os falantes desenvolveram da categoria gramatical ‘género’, um domínio do alemão conhecido como sendo de difícil aquisição e foco de vulnerabilidade linguística mesmo em estados avançados de aquisição. Em concreto, pretende-se, através da aplicação de três instrumentos de recolha de dados, analisar o conhecimento dos três géneros do alemão, avaliar o grau de transferência da língua primeira (L1), a correlação entre o conhecimento do género e o conhecimento lexical dos falantes e, ainda, o seu grau de contacto com a língua alemã.

2. GÉNERO

2.1. A categoria ‘género’ em alemão

Em alemão existem três géneros gramaticais: masculino, feminino e neutro. Dado o conceito da arbitrariedade do signo linguístico, o género da grande maioria dos nomes não depende de uma semântica naturalística e biológica: o facto de a palavra *mesa* ser feminina em português e masculina em alemão (*der Tisch*) não tem nenhuma relação direta com o conceito que estas combinações de sons definem.

De acordo com estimativas de corpora, a maioria dos substantivos alemães tem gênero masculino (ca.50%), seguindo-se o feminino (30%), sendo o neutro o gênero menos frequente (20%) (cf. Bauch 1971, *apud* Stöhr *et al.* 2012). A característica a destacar na atribuição do gênero em alemão é a ausência de marcas gramaticais indicativas do gênero no substantivo. A marcação do gênero ocorre apenas no singular e, não no substantivo, mas em elementos que o acompanham, como determinantes possessivos ou demonstrativos, os artigos definidos e indefinidos ou os adjetivos. A tabela 1 apresenta a marcação do gênero nestes elementos no nominativo singular (a sua variação nos outros casos não será aqui sistematizada).

	com artigo definido	com artigo indefinido	com demonstrativo	com adjetivo & artigo indefinido
masculino	der Tisch (<i>mesa</i>)	ein Tisch	dieser Tisch	ein kleiner Tisch
feminino	die Sonne (<i>sol</i>)	eine Sonne	diese Sonne	eine kleine Sonne
neutro	das Buch (<i>livro</i>)	ein Buch	dieses Buch	ein kleines Buch

Tabela 1. Marcação de gênero em alemão (no nominativo/singular)

Apesar da generalizada ausência de marcação de gênero existem, em alemão, algumas tendências, de ordem morfológica, semântica e fonética, que dão pistas sobre a atribuição do gênero. Porém, e aqui reside a grande dificuldade observada na aquisição desta categoria gramatical por aprendentes L2, existem muitas exceções a estas ‘regras’ e elas, muitas vezes, contradizem-se. Algumas destas regras são abordadas em contexto de sala de aula, de forma a facilitar o processo de aprendizagem desta categoria.

As regras morfológicas são, provavelmente, as mais abordadas em contexto de instrução. Estão maioritariamente relacionadas com os sufixos derivacionais de certos nomes: nomes que terminam em *-ung*, *-keit* e *-heit* são femininos (*die Unterhaltung* ‘a conversa’, *die Gerechtigkeit* ‘a justiça’, *die Freiheit* ‘a liberdade’); nomes derivados que terminam em *-chen* e *-lein* são neutros (*das Bettchen* ‘a caminha’, *das Tischlein* ‘a mesinha’) e nomes com o sufixo *-er* são geralmente masculinos (*der Stromzähler*, ‘o contador da luz’) (Steinmetz 1986).

As regras semânticas prendem-se com o significado do substantivo, pelo que o género gramatical dos nomes que denotem seres humanos correspondem, na sua generalidade, ao seu género biológico. Assim, os nomes que denominam os machos e as fêmeas de cada espécie são, respetivamente, masculinos e femininos, enquanto nomes de espécies animais tendem a ser neutros. No entanto, e como mencionado em cima, muitas vezes existem sobreposições contraditórias destas regras. Um exemplo clássico é o substantivo *Mädchen* (‘menina’), que, a seguir uma regra semântica de atribuição de género de acordo com o sexo natural, deveria ser feminino. No entanto, a terminação em *-chen* sobrepõe-se à regra semântica, tornando o substantivo neutro (*das Mädchen*). As regras semânticas também dizem respeito à atribuição de género de certos grupos de nomes inanimados, por exemplo: nomes que denotam bebidas alcoólicas são, geralmente, masculinos (ex. *der Wein* ‘o vinho’, *der Whiskey* ‘o uísque’). O mesmo se aplica a nomes que se referem a pedras (ex. *der Stein* ‘a pedra’, *der Fels* ‘o rochedo’), etc. (Steinmetz 1986).

No que toca às regras de cariz fonético, há tendências específicas nas terminações fonémicas de certos nomes. Zubin e Köpcke (1981), por exemplo, mostram que nomes monossilábicos terminados na consoante [-t] são geralmente femininos e nomes que terminem em [-ts] são geralmente masculinos.

Em geral, estas regularidades desafiam a noção tradicional de que o gênero seja atribuído de forma totalmente arbitrária em alemão.

2.2. Aquisição do gênero em alemão L1 e L2

Para as crianças que adquirem o alemão como L1, a aquisição do gênero não apresenta grandes dificuldades. Embora a produção de algumas formas agramaticais ainda seja comum aos três anos de idade, vários estudos mostram que, por volta dos quatro anos, a aquisição do gênero está praticamente concluída (Mills 1986, Szagun *et al.* 2007).

Esta observação contrasta com o processo de aquisição do gênero no alemão como L2. Os resultados dos estudos existentes mostram a dificuldade e morosidade que a aquisição desta propriedade gramatical representa para os aprendentes, mesmo quando a aquisição do alemão ocorre na infância enquanto L2 precoce. Wegener (1995), por exemplo, mostra que crianças falantes nativas de turco, polaco ou russo, que emigraram para a Alemanha aos 5-6 anos, demonstraram durante um período prolongado problemas na atribuição do gênero. Além disso, fatores como a idade de início da aquisição e a quantidade/qualidade do *input* também influenciam este processo (Montanari 2014, Ruberg 2013). Comparando crianças e adultos, Lemke (2008) demonstra que os falantes L2 adultos apresentam significativamente mais dificuldades do que as crianças na aquisição do gênero, assim como um maior grau de transferência da sua L1.

Relativamente à transferência da L1, vários estudos sugerem que os falantes cuja língua materna também faz a distinção do gênero gramatical dos substantivos tendem a adquirir com maior facilidade o gênero em alemão do que falantes cuja L1 não possui essa propriedade, como é o caso do inglês ou do turco (Ellis *et al.* 2012, Wegener 1995).

Comparando os três gêneros do alemão, tal como acontece na aquisição L1, também na aquisição L2, o conhecimento do neutro é o último a ser estabilizado - o que ocorre somente após ter sido feita a diferenciação entre masculino e feminino (Flagner 2008, Müller 1990). Relativamente aos princípios de atribuição do gênero (cf. Köpcke & Zubin 1984), os resultados não são consensuais quanto aos princípios que são mais fáceis de adquirir por parte de falantes L2. Segundo Corbett (1991), as regras semânticas prevalecem sobre as regras formais - morfológicas e, sobretudo, fonológicas - o que levaria a uma aquisição mais precoce destas regras. Contudo, muitos autores defendem que as línguas variam quanto à proeminência destes princípios, o que tem consequências para a sua aquisição. Neste sentido, alguns estudos defendem que, em alemão, as regras formais dominam sobre as regras semânticas, que apenas começam a tornar-se relevantes em fases mais avançadas de aquisição (Flagner 2008).

3. O ESTUDO

O presente estudo tem por base uma metodologia experimental, dividida em três momentos. Num primeiro momento foi realizado um inquérito sobre o grau de exposição linguística, seguindo o modelo do *Bilingual Language Profile* (doravante BLP) de Birdsong *et al.* (2012). O segundo corresponde à aplicação de uma Tarefa de Juízos de Gramaticalidade (TJG), de forma a testar o conhecimento do gênero em alemão por parte de 23 aprendentes cuja L1 é o português. O terceiro reflete-se num pós-teste de conhecimento lexical, que pretendeu apurar se os participantes conheciam os vocábulos utilizados na TJG na altura da sua execução. Nesta secção serão descritos, com mais detalhe, as tarefas aplicadas e o grupo experimental testado, concluindo com as principais questões de investigação que norteiam este trabalho.

3.1. Método

A aplicação do inquérito sociolinguístico e motivacional prendeu-se com a necessidade de verificar, não só o historial linguístico dos participantes, mas também o uso, competência e motivação ou grau de identificação com as línguas estrangeiras que dominam (neste caso, inglês e alemão). Deste modo, foi possível traçar o perfil linguístico dos participantes (ver 3.2.) e permitir que os mesmos avaliassem a sua própria competência e utilização das línguas-alvo, fatores que se poderiam manifestar relevantes no cruzamento com os resultados da segunda tarefa (TJG).

O inquérito realizado foi baseado no BLP, um questionário originalmente desenvolvido por Birdsong *et al.* (2012) para avaliar o nível de dominância de falantes bilingues. Dado o propósito basilar do BLP e uma vez que os participantes analisados são aprendentes intermédios de alemão do ensino superior (com inglês como primeira L2) e não possuem um historial de bilinguismo com a língua ao nível da infância, revelou-se necessário fazer uma adaptação do inquérito de modo a torná-lo mais adequado ao grupo em questão. Estas alterações manifestaram-se especialmente na segunda secção (“Historial linguístico”), em que se optou por dar ênfase aos anos de instrução em detrimento do fator idade de aquisição, uma vez que a maior parte dos participantes apenas começou a aprender alemão em fase adulta. Além disso, o inquérito contrastou as duas línguas segundas dos falantes (inglês e alemão), em detrimento da(s) línguas primeira(s) como no teste original.

O inquérito é composto por cinco partes (ver anexo 1): I. informação biográfica; II. historial linguístico; III. uso das línguas; IV. auto-avaliação da competência linguística; V. motivação/identificação com a língua. As partes II a V incluem um total de 19 perguntas com respostas quantificáveis numa escala correspondente a um número variável de pontos. Seguindo a proposta de quantificação do teste

original, a pontuação máxima que pode ser obtida em cada uma das línguas é de 218³, correspondente a um grau muito elevado de domínio, contacto e identificação com a língua-alvo. A comparação da pontuação obtida em cada língua mostra a dominância relativa das duas línguas-alvo.

Após a realização do inquérito, foi apresentada aos participantes uma TJG, com o objetivo de testar o seu conhecimento do género nominal em alemão. As palavras, apresentadas aleatoriamente, correspondem a três condições-base (morfológicas, semânticas e fonéticas). Estas três condições subdividem-se em três subcondições. Cada subcondição contém seis itens (três gramaticais e três agramaticais), perfazendo um total de 54 itens (27 gramaticais e 27 agramaticais). Do total de itens, 13 apresentam correspondência de género entre o alemão e o português (p. ex. al. “*der Affe*” e ptg. “o macaco”, ambos masculinos) e 14 divergem (p. ex. al. “*die Luft*”, feminino, vs. ptg. “o ar”, masculino). Para os nomes neutros em alemão não foi possível contemplar este fator, dada a inexistência de um género neutro em português.

A tabela 2 apresenta as condições e subcondições, com exemplos retirados do teste.

Gramatical	Agramatical
Condições morfológicas	
1 A) <i>-er</i> + masculino der Fehler (o erro) (+)	1 B) <i>-er</i> + feminino *die Kugelschreiber (a caneta) (-)
2 A) <i>-chen</i> + neutro das Mädchen (a menina)	2 B) <i>-chen</i> + masculino *der Männchen (o macho)
3 A) <i>-ung</i> + feminino die Übung (o exercício) (-)	3 B) <i>-ung</i> + neutro *das Erzählung (o conto)

3 Para uma explicação detalhada das pontuações atribuídas a cada parte e do cálculo final, consulte: <https://sites.la.utexas.edu/bilingual/scoring-and-interpreting-the-results/>

Condições semânticas	
4 A) espécie + neutro das Pferd (o cavalo)	4 B) espécie + masculino *der Schwein (o porco)
5 A) animal macho + masculino der Affe (o macaco) (+)	5 B) animal macho + feminino *die Floh (a pulga) (-)
6 A) animal fêmea + feminino die Katze (o gato) (-)	6 B) animal fêmea + neutro *das Ziege (a cabra)
Condições fonéticas	
7 A) [-t] + feminino die Luft (o ar) (-)	7 B) [-t] + neutro *das Macht (o poder)
8 A) [-et]+ neutro das Bett (a cama)	8 B) [-et] + masculino *der Ballett (o ballet)
9 A) [-ts] + masculino der Pilz (o cogumelo) (+)	9 B) [-ts] + feminino *die Pelz (a pele) (+)
(+) correspondência de gênero al.-ptg. (-) divergência de gênero al.-ptg.	

Tabela 2. Condições da Tarefa de Juízos de Gramaticalidade

As condições selecionadas para o presente estudo permitem observar a importância das características morfológicas, semânticas e fonéticas no conhecimento do gênero em alemão. Dada a natureza maioritariamente explícita do conhecimento linguístico dos participantes, espera-se que a aquisição eficaz do gênero alemão se baseie em regras fundamentais apresentadas em contexto de instrução em sala de aula (Ellis *et al.* 2006) e que grande parte dos problemas da sua não-aquisição estejam associados a fenômenos de transferência interlinguística não só da língua materna, como também do inglês.

Devido à extensão de tendências relativas ao gênero dos nomes inanimados em alemão, optou-se por restringir as subcondições a três regras substanciais relacionadas com a sua condição primordial, de índole morfológica, semântica ou fonética (Steinmetz 1986). No que toca às condições

morfológicas, fez-se o levantamento de três regras relacionadas com a terminação de certos nomes: *-er* para nomes masculinos, *-chen* para nomes neutros e *-ung* para nomes femininos. Para cada uma destas subcondições, apresentou-se correspondentes agramaticais. Esta seria, provavelmente, a condição mais abordada em sala de aula, podendo o papel da instrução ser preponderante a este nível.

Relativamente às condições semânticas, optou-se por restringir as subcondições a um dos campos semânticos mais usuais na sistematização do género em alemão: o dos animais. Para isso, atendeu-se à componente biológica, fortemente associada a esta condição, pelo que temos como primeira subcondição o género neutro na denominação da espécie, seguida do género masculino para machos e do feminino para fêmeas, cada uma com os seus devidos correspondentes agramaticais. Esta condição é influenciada por uma forte componente naturalística, pelo que o conhecimento destas regras não esteja inteiramente dependente do fator instrução.

Por fim, temos as condições fonéticas, que detêm menos exposição explícita em contexto de sala de aula. Aqui foi feito um levantamento de três das tendências mais comuns para cada um dos géneros em alemão, segundo a terminação fonológica de certos nomes inanimados: terminação em [-t] para nomes femininos, terminação [-et] para nomes neutros e terminação em [-ts] para nomes masculinos. Para cada uma das subcondições foi apresentada, como é recorrente no presente teste, o seu correspondente agramatical.

Na TJG os participantes tinham de ajuizar os itens apresentados, analisando a gramaticalidade da combinação artigo-nome. Caso achassem que a palavra em questão tinha outro género, teriam de rejeitar a sua aceitação e facultar a devida correção da mesma. Atente-se no exemplo abaixo:

(1)

der Männchen

— Certo.

— Errado. A palavra é feminina.

— Errado. A palavra é neutra.

No exemplo acima, de forma a terem um desempenho positivo, os participantes teriam de rejeitar a proposta apresentada e corrigi-la, optando pela terceira alínea, dado que a palavra é neutra em alemão. Este tipo de tarefa é, segundo vários autores (Bialystok 1978, Ellis *et al.* 2006, Han & Ellis 1998), particularmente relevante para a avaliação do papel da instrução na aquisição de determinada estrutura, uma vez que a correção de itens considerados agramaticais ativa sobretudo o conhecimento explícito e metalinguístico do falante, ao passo que a decisão sobre a sua gramaticalidade ativa tanto conhecimento explícito como implícito. A listagem completa dos substantivos usados, em conjunto com os respetivos artigos gramaticais ou agramaticais, encontra-se no anexo 2.

Numa fase posterior, foi apresentado aos participantes um pós-teste de conhecimento lexical com o objetivo de verificar se conheciam as palavras utilizadas na TJG no momento da sua execução. Este passo é particularmente importante na observação dos resultados obtidos na TJG, uma vez que permite correlacionar as várias condições com a proficiência lexical dos falantes e o seu desempenho nas diferentes condições. Permite também verificar a (não-) existência de transferência interlinguística e o seu peso na análise dos resultados.

Todas as tarefas foram realizadas na plataforma *online Google Forms* e nenhuma tinha limite de tempo.

3.2. Participantes

O estudo conta com um total de 23 participantes com idades compreendidas entre os 19 e os 23 anos ($M= 20,54$;

DP= 1,32). O grupo é constituído por estudantes das licenciaturas em Línguas e Literaturas Europeias e Línguas Aplicadas da Universidade do Minho, residentes em Portugal, na sua maioria no Norte do país. Todos os alunos estudam inglês como primeira e alemão como segunda língua, estando inscritos na unidade curricular de Alemão B1. Com exceção de um participante, que viveu algum tempo na Suíça antes dos seis anos de idade, nenhum outro participante viveu por tempo prolongado em um país onde a língua oficial é o alemão.

Todos os participantes são falantes nativos do português europeu e tiveram o primeiro contacto com a língua alemã entre os 15 e os 19 anos através de instrução formal, com a exceção de um participante que teve um primeiro contacto com a língua aos dois anos, embora por um período muito restrito. Como esperado, o contacto com o inglês deu-se, em regra, mais cedo, situando-se entre os seis e os oito anos. O grupo possui entre dois a quatro anos de instrução na língua alemã. Todos os participantes dizem ainda não se sentirem à vontade para a usar.

Nas questões focadas no grau e tipo de contacto com o alemão (parte III), a maioria dos participantes diz nunca ter usado a língua alemã fora da sala de aula, em contexto profissional ou familiar, apresentando uma média de apenas 10% de contacto com o alemão numa semana típica. A maior percentagem de contacto com a língua alemã verifica-se nos meios de comunicação, onde chega aos 50% em alguns participantes. Em comparação, o contacto com o inglês é muito mais elevado, atingindo, em alguns casos, 90% de contacto numa semana típica.

O cálculo da pontuação atribuída às várias questões, seguindo a proposta de quantificação de Birdsong *et al* (2012), revela um índice de *input* que varia entre 37,96 e 98,43 pontos (M= 60,97; DP= 22,76). Em contraste, o valor mínimo a inglês é de 113,6 e o máximo é de 174,07 (M=

138,38; DP= 18,44), mostrando uma clara diferença entre ambas as línguas quanto ao índice de *input*.

3.3. *Questões de investigação*

Tendo em conta as características do sistema de género gramatical em alemão e as conclusões de estudos sobre o alemão L2 em contacto com outras línguas primeiras, são quatro as questões que norteiam o presente trabalho:

- 1) Considerando a complexidade do sistema de género em alemão, este é um domínio vulnerável no processo de aquisição desta língua por parte de estudantes universitários que a estudam como segunda língua estrangeira em contexto de sala de aula?
- 2) Contrariando a aparente arbitrariedade da atribuição do género em alemão, foram identificados princípios morfológicos, fonéticos e semânticos que subjazem ao sistema de género (Köpcke/Zubin 1984). Neste trabalho pretendemos identificar, se estes princípios são relevantes no processo de aquisição da língua alemã dos participantes testados. Os falantes de alemão L2 mostram sensibilidade diferenciada face às diferentes pistas, isto é, as marcas morfológicas são mais fáceis de adquirir do que as pistas?
- 3) Um fator relevante na atribuição do género parece ser o conhecimento lexical do falante. Tendo por base um questionário de conhecimento lexical, este trabalho pretende averiguar se é possível correlacionar as duas variáveis (conhecimento do léxico e conhecimento do género). Os alunos com maior nível de proficiência lexical são os que apresentam melhores resultados na tarefa de atribuição de género?
- 4) Por fim, importa estudar o papel do português e, eventualmente, da primeira língua não nativa, o inglês, na aquisição do género em alemão. Existe uma influência direta do português sobre o alemão,

visível em taxas de acerto mais elevadas nos itens que apresentam correspondência de género nas duas línguas (considerando apenas o masculino e o feminino) e mais baixas nos itens com género contrário? Ou o inglês, língua sem traço de género gramatical, poderá ter um papel negativo, atrasando o desenvolvimento deste conhecimento na segunda língua não nativa, o alemão?

4. RESULTADOS

Nesta secção serão apresentados, em primeiro lugar, os resultados obtidos na TJG e, posteriormente, a correlação entre estes e os resultados do teste de conhecimento lexical. Para a análise estatística recorreremos ao SPSS, versão 23, usando testes paramétricos de *design* intra-sujeito para a comparação dos resultados obtidos nas várias sub-condições, assim como testes de associação *Qui-quadrado* e *Pearson* para a avaliação de possíveis efeitos de correlação entre os resultados da TJG e o conhecimento prévio dos substantivos usados no teste.

4.1. Tarefa de Juízos de Gramaticalidade

Começamos por reportar a taxa global de acerto, que varia entre o valor mínimo individual de 24% e o valor máximo de 87%. A média global de acerto é de 49% (DP = 15,1). Este valor não é muito conclusivo, pois inclui tanto os resultados obtidos nas condições gramaticais como nas agramaticais. Analisando estas condições separadamente, verificamos que, nos itens gramaticais, a média global de acerto é de 59,1% (DP = 15,6), enquanto, no que respeita os itens agramaticais, a média global de acerto é de apenas 38,8% (DP = 18,3). Um Teste T para amostras emparelhadas revela que a diferença entre os resultados das condições gramaticais e das condições agramaticais é estatisticamente significativa ($t(23) = 6,34, p < 0,001$). Este facto demonstra

que, como esperado, os aprendentes de alemão têm mais dificuldades em reconhecer uma palavra com gênero incorreto e depois corrigi-lo do que reconhecer a gramaticalidade de substantivos com o gênero gramatical. Esta assimetria é verificada em todas as três condições, como demonstra o gráfico 1, que apresenta as taxas de acerto global por condições relativamente aos itens gramaticais e agramaticais. Múltiplos Testes T, que verificam as diferenças entre as três subcondições gramaticais e agramaticais, mostram que estas diferenças são sempre estatisticamente significativas (morfológicas: $t(23) = 5,42, p < 0,001$; semânticas: $t(23) = 2,98, p = 0,007$; fonéticas: $t(23) = 4,79, p < 0,001$).

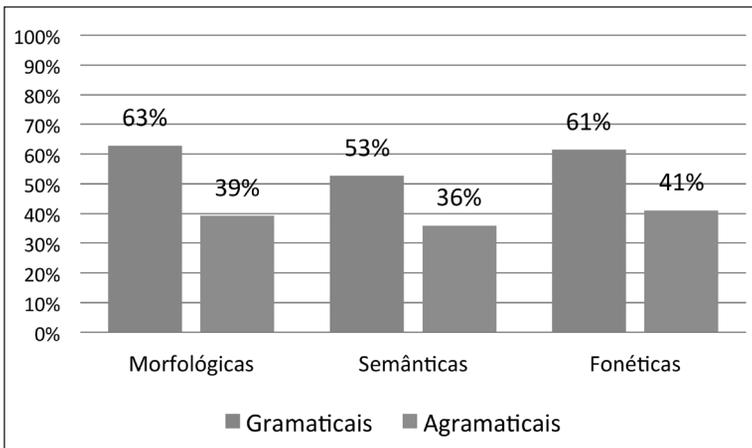


Gráfico 1. Taxa de acerto por condições (itens gramaticais e agramaticais)

Analisando, agora, os itens gramaticais por condição, os resultados mostram que as taxas de acerto são muito semelhantes. Regista-se uma maior taxa de acerto nas condições morfológicas ($M = 63\%$, $DP = 18,2$), seguindo-se, com um valor muito próximo, as condições fonéticas ($M = 61,6\%$, $DP = 12,7$). A menor taxa de acerto é observada nas condições semânticas ($M = 52,8\%$, $DP = 26,2$). Uma Análise de Variância (ANOVA) para medidas repetidas mostra que estas

diferenças são apenas marginalmente significativas ($F(2,46) = 3,317, p = 0,045$), ou seja, os aprendentes não mostram grande sensibilidade face aos fatores que podem determinar a atribuição do género (morfológicos, semânticos ou fonéticos), quando confrontados com itens gramaticais.

Relativamente aos itens agramaticais, a situação é muito semelhante, isto é, observam-se taxas de acerto muito próximas nas três condições: a maior taxa de acerto é registada nas condições fonéticas ($M = 41,2\%$, $DP = 23,3$), seguindo-se as condições morfológicas ($M = 39,3\%$, $DP = 24,9$) e, com um valor muito próximo, as condições semânticas ($M = 36,1\%$, $DP = 20,3$). Neste caso, uma Análise de Variância (ANOVA) para medidas repetidas mostra que as diferenças entre as condições agramaticais não são estatisticamente significativas ($F(2,46) = 0,551, p = 0,580$). Estes resultados revelam que, em geral e como observado nas condições gramaticais, os aprendentes não são sensíveis aos diferentes fatores que estão na base da atribuição do género em alemão.

Passamos agora à análise das várias subcondições, começando por analisar as gramaticais. De facto, o gráfico 2 mostra que não existe uma grande variação entre as nove subcondições. O item 8A da condição fonética foi o mais acertado ($M = 69,5\%$, $DP = 23,9$), seguido do item 3A da condição morfológica ($M = 68,1\%$, $DP = 33,3$), referentes, respetivamente, às regras ‘*-[ɛt]* + neutro’ e ‘*-ung* + feminino’. Já os itens 5A ($M = 48,6\%$, $DP = 36,8$) e 4A ($M = 50\%$, $DP = 36,8$) da condição semântica foram os que apresentaram maior dificuldade aos participantes, respetivamente as regras ‘*animal macho* + masculino’ e ‘*espécie* + neutro’. Uma Análise de Variância (ANOVA) para medidas repetidas que incluiu os nove itens gramaticais mostra que as diferenças entre as subcondições 1A a 9A não são estatisticamente significativas ($F(8,184) = 1,391, p = 0,203$).

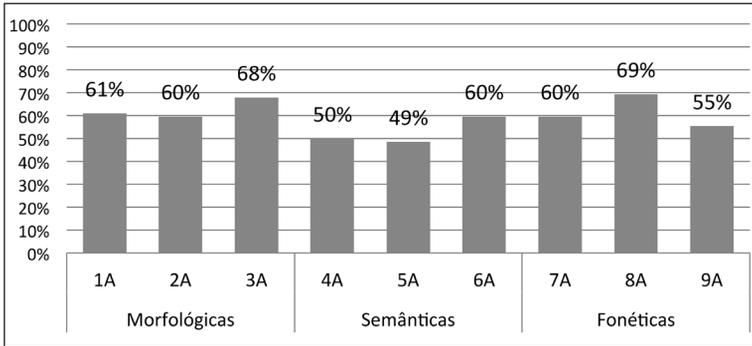


Gráfico 2: Taxa de acerto nos itens das condições gramaticais

Contrariamente aos gramaticais, os resultados dos itens agramaticais são bastante heterogêneos, apresentando maior variação, como se pode observar no gráfico 3. O item 8B da condição fonética foi o mais acertado ($M = 63,9\%$, $DP = 32,5$), referente a $[-\text{ɛt}] + *masculino$. O item 7B, $[-t] + *neutro$, também da condição fonética, foi o menos acertado ($M = 16,6\%$, $DP = 27,8$). Neste caso, uma ANOVA para medidas repetidas, que incluiu os nove itens agramaticais, mostra que as diferenças entre as subcondições 1B a 9B são estatisticamente significativas ($F(8,184) = 5,543$, $p < 0,001$). Os resultados revelam que não existe homogeneidade de taxas de acerto dentro das próprias condições, ou seja, os aprendentes não parecem seguir pistas fonéticas, morfológicas ou semânticas na aquisição do gênero nominal em alemão L2. Como será discutido adiante, este dado está certamente relacionado com o facto de estas pistas não serem consistentes e apresentarem muitas exceções e sobreposições contraditórias.

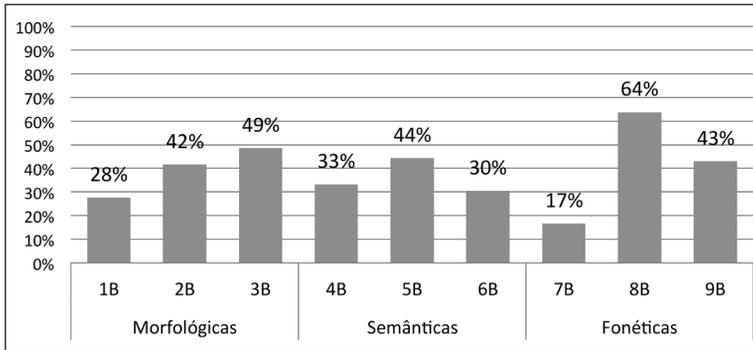


Gráfico 3: Taxa de acerto nos itens das condições agramaticais

Se não são as pistas morfológicas, semânticas ou fonéticas que determinam o conhecimento dos aprendentes, passemos à análise comparativa do conhecimento dos três géneros (masculino, feminino, neutro). Pretende-se avaliar se os aprendentes revelam sensibilidade diferente face aos três géneros do alemão, em particular, se apresentam maiores dificuldades na atribuição do género neutro, por não existir na sua língua materna, o português.

Relativamente às taxas de acerto por género, os resultados não mostram diferenças acentuadas para os itens gramaticais como é ilustrado pelo gráfico 4. Os itens femininos apresentam maior taxa de acerto ($M = 62,5\%$, $DP = 22,4$), seguindo-se os itens neutros ($M = 59,8\%$, $DP = 16,6$). Os itens masculinos apresentam uma taxa de acerto ligeiramente mais baixa ($M = 55,1\%$, $DP = 21,4$). Estas diferenças não são significativas, como revelado por uma ANOVA de medidas repetidas ($F(2,46) = 1,346$, $p = 0,260$).

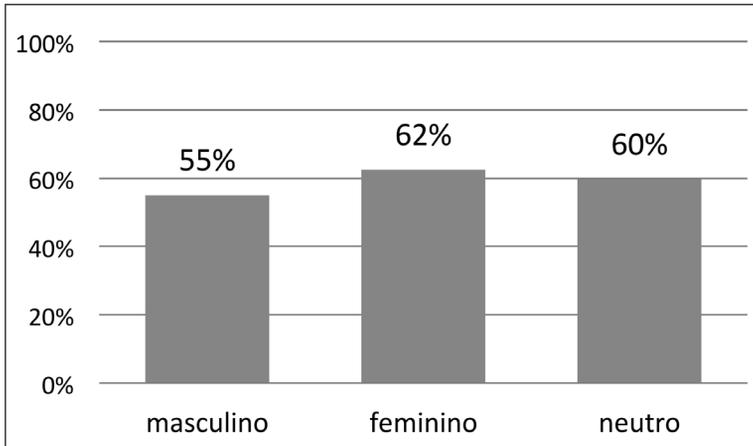


Gráfico 4: Taxa de acerto por gênero nos itens gramaticais

Como pode ver-se no gráfico 5, no que diz respeito aos itens agramaticais, existem diferenças maiores entre gêneros. Neste caso, é o gênero masculino que apresenta maior taxa de acerto ($M = 46,3\%$, $DP = 20,1$), seguindo-se o gênero feminino ($M = 38,3\%$, $DP = 25,2$). Por fim, é em relação ao neutro que os aprendentes apresentam maiores problemas ($M = 31,9\%$, $DP = 24,6$), ou seja, quando confrontados com substantivos neutros que lhes são apresentados num outro gênero, os aprendentes têm grandes dificuldades em reconhecer essa agramaticalidade e atribuir o gênero neutro ao item em questão. Uma ANOVA revela que, nestas condições agramaticais, a diferença entre os gêneros é estatisticamente significativa ($F(2,46) = 3,862$, $p < 0,05$). Um pós-teste Bonferroni revela que a diferença está entre o gênero masculino e o neutro ($p = 0,039$).

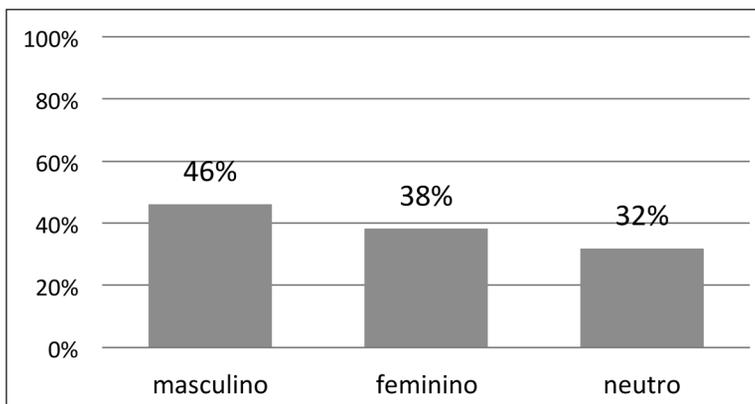


Gráfico 5: Taxa de acerto por género nos itens agramaticais

A última questão a guiar este estudo relaciona-se com a influência do português na aprendizagem do género nominal em alemão. Para responder a esta questão, analisamos os 13 itens que apresentam correspondência de género entre o alemão e o português, e os 14 itens que apresentam género oposto. Relembramos que, neste caso, não se incluiu o neutro por não ter correspondência em português.

O gráfico 6 mostra as taxas de acerto por género (masculino e feminino), tendo em conta a sua (não)correspondência em português.

Começamos por reportar os resultados relativamente aos itens masculinos. Curiosamente, a média de acerto dos itens masculinos é mais elevada quando este não tem género correspondente em português ($M = 60,4\%$, $DP = 36,1$) do que nos casos em que o substantivo também é masculino na L1 dos aprendentes ($M = 53,6\%$, $DP = 23,9$).

No caso dos itens femininos, as taxas são muito semelhantes, atingindo uma média de $51,3\%$, ($DP = 23,5$) quando há correspondência com o português e $50,3\%$ ($DP = 18,9$) quando o equivalente português não é feminino. Uma

ANOVA revela que as diferenças entre os quatro tipos de género (masculino e feminino com e sem correspondência em português) não é estatisticamente relevante ($F(3,69) = 0,938$, $p = 0,427$), pelo que podemos concluir que a atribuição do género na L2 não é motivada pelo género das palavras-alvo em português.

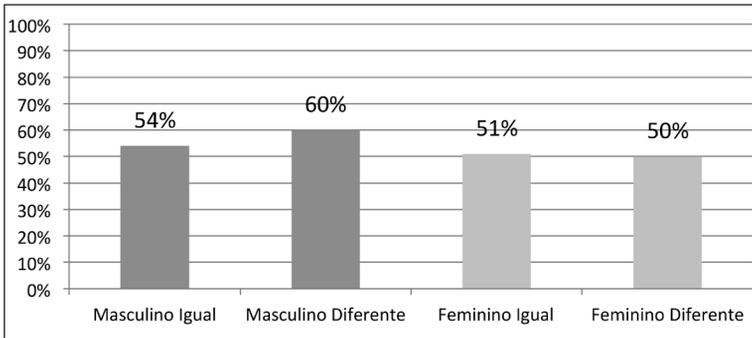


Gráfico 6: Taxa de acerto por género [igual ou diferente do português]

4.2. *Conhecimento lexical e índice BLP*

Depois de realizada a TJG, os participantes preencheram um questionário em que indicaram, para cada um dos substantivos usados na TJG, se conheciam a respetiva palavra no momento de realização da tarefa.

Os resultados deste questionário de conhecimento lexical mostram que, em média, os aprendentes conheciam 31,5 (DP = 8,4) das 54 palavras usadas no teste, sendo o valor mais baixo de 19 palavras e o mais alto de 47. Para averiguar se existe uma correlação entre a quantidade de palavras que cada aprendente conhecia e o seu desempenho na tarefa de juízos de gramaticalidade foram realizados vários testes de associação de Coeficiente de Correlação de Pearson.

Em primeiro lugar foi avaliada a correlação entre as taxas de acerto globais nas condições gramaticais e con-

dições agramaticais e o conhecimento lexical. Dois testes de Coeficiente de Correlação de Pearson, um para as condições gramaticais e outro para as agramaticais, mostram que não existe uma associação significativa entre o índice de conhecimento lexical e o desempenho do grupo nas condições gramaticais ($r = ,290, p = 0,228$). Contudo, essa associação existe se correlacionarmos este índice com os resultados obtidos pelos participantes nas condições agramaticais, embora seja apenas marginalmente significativa ($r = ,461, p = 0,047$). Este resultado mostra que os aprendentes que conheciam um maior número de palavras usadas no teste foram, tendencialmente, os que obtiveram melhores resultados no reconhecimento de palavras apresentadas com um género errado e conseqüente correção desta agramaticalidade.

Convém, assim, olhar com mais detalhe para as diferentes condições agramaticais para verificar se esta associação existe nas três subcondições. Começando pela condição morfológica (agramatical), um Teste de Correlação Pearson confirma que existe uma associação positiva significativa entre o índice de conhecimento lexical e as taxas de acerto nessa condição ($r = ,472, p = 0,041$). O mesmo se observa na subcondição semântica (agramatical). Neste caso, a associação entre o conhecimento lexical e a taxa média de acerto é ainda maior e mais significativa ($r = ,548, p = 0,015$). Os gráficos 7 e 8 apresentam a correlação entre as taxas de acerto por participante, nas subcondições morfológica e semântica agramaticais, e o seu índice de conhecimento lexical.

Como podemos observar nos gráficos, o falante que apresenta o mais alto índice de conhecimento lexical (47 palavras) é precisamente o que tem taxas de acerto mais elevadas (acima de 90%). Já os participantes com menor índice são os que, tendencialmente, apresentam taxas de acerto mais baixas.

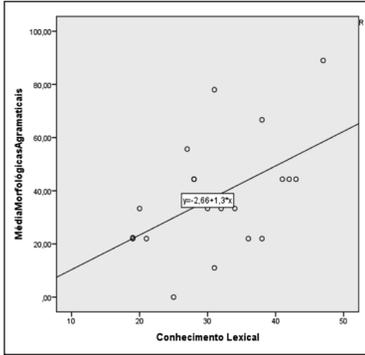


Gráfico 7: Correlação entre conhecimento lexical e taxa de acerto na subcondição morfológica agramatical

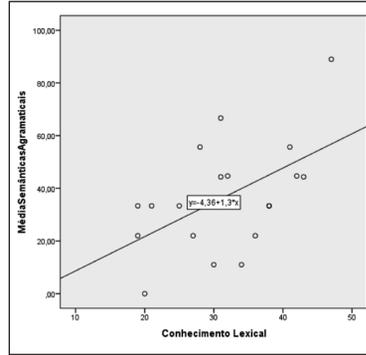


Gráfico 8: Correlação entre conhecimento lexical e taxa de acerto na subcondição semântica agramatical

Em contraste, na subcondição fonética não existe qualquer associação entre as duas variáveis ($r = ,029$, $p = 0,905$), ou seja, neste caso, possuir um maior índice de conhecimento lexical não significa necessariamente ser mais assertivo no reconhecimento da agramaticalidade do gênero apresentado.

Foram ainda aplicados sucessivos testes de Qui-Quadrado para avaliar se existe uma correspondência direta entre o conhecimento de cada palavra e o reconhecimento da (a)gramaticalidade do seu gênero, porém, os resultados destes testes não foram conclusivos por não estar cumprido sistematicamente o pressuposto de frequência superior a 5 itens por célula. O alternativo Teste de Fisher não revela uma associação direta entre as duas variáveis, ou seja, o desempenho dos aprendentes na TJG não parece, no geral, derivar diretamente do conhecimento da palavra-alvo. A influência do conhecimento lexical sobre a assertividade no teste manifesta-se a um nível mais geral de proficiência lexical. Exceção são palavras muito frequentemente usadas na sala de aula, como por exemplo *die Übung* (fem, ‘o exercício’), com um nível muito elevado de assertividade de gênero (83.3%) e de conhecimento lexical (95%).

Por fim, foram analisados os valores obtidos no BLP com o intuito de observar se existe alguma correlação entre o índice de exposição ao alemão, por um lado, e a competência lexical ou o desempenho nas condições gramaticais e agramaticais, por outro lado. Os resultados de vários testes de Coeficiente de Correlação de Pearson mostram que não existe associação, nem entre o índice do BLP e o índice de conhecimento lexical dos falantes ($r = -,240, p = 0,308$), nem entre o primeiro e as taxas de acerto nas condições gramaticais ($r = -,012, p = 0,957$) ou as agramaticais ($r = ,335, p = 0,109$). Conclui-se, pela leitura destes resultados, que a quantidade de contacto com o alemão, aferida através do questionário usado, revela não ter atingido um nível suficientemente elevado para poder ter um efeito real sobre o conhecimento linguístico dos aprendentes. De facto, como vimos, o contacto com a língua alemã deuse, na grande maioria dos casos, quase exclusivamente em contexto de sala de aula a partir da adolescência tardia, não tendo sido suficiente para produzir efeito sobre o domínio investigado.

5. DISCUSSÃO FINAL

Globalmente, os resultados do presente estudo confirmam que a atribuição do género é um domínio gramatical que causa muitas dificuldades a aprendentes de alemão em níveis intermédios de aquisição, como demonstrado por outros estudos (Ellis *et al.* 2012, Wegener 1995). A taxa média de acerto é de aproximadamente 50%, situando-se no nível de casualidade. No entanto, o desempenho dos aprendentes não é de todo fruto de arbitrariedade, pois a diferenciação das taxas de acerto em condições gramaticais e agramaticais mostra que existe um desempenho significativamente diferente dos aprendentes perante itens gramaticais/agramaticais. Como esperado, os aprendentes apresentam mais dificuldades no reconhecimento e subse-

quente correção do gênero apresentado agramaticalmente. Respondendo à primeira questão de investigação, podemos então concluir que o gênero gramatical é, de facto, um domínio vulnerável no processo de aquisição do alemão como língua não nativa.

Quanto aos princípios mais proeminentes na aquisição do gênero (morfológicos, fonéticos e semânticos), e respondendo à segunda questão de investigação, os resultados não mostram uma clara tendência. Isto significa que os falantes não parecem mostrar sensibilidade às diferentes pistas, mesmo as marcas morfológicas não são ainda claramente relacionadas com um determinado gênero. Este dado pode, certamente, ser explicado pela complexidade de regras de atribuição de gênero, muitas vezes até contraditórias, que dificulta a aquisição desta propriedade gramatical. Associada a esta complexidade está o reduzido nível de contacto com a língua alemã e conseqüente baixo nível de proficiência dos alunos, que (ainda) não permitiu impulsionar a aquisição do gênero através destes princípios.

Vários estudos têm demonstrado que o fator mais influente na correta atribuição do gênero é o conhecimento lexical do falante (cf. Stöhr *et al.* 2012). O presente estudo vem corroborar esta observação, respondendo, assim à terceira questão. Existe, de facto, uma correlação positiva entre a quantidade de palavras que os participantes conhecem e o seu desempenho na tarefa de gramaticalidade. Isto significa que os aprendentes adquirem o gênero das palavras em alemão item a item, à medida que adquirem conhecimento lexical, não sendo (ainda) guiados por princípios formais ou semânticos. Um exemplo concreto é-nos dado pela comparação de nomes femininos terminados em *-ung*. Enquanto a taxa de acerto da palavra *Übung* ('exercício') é muito elevada (tratando-se de uma palavra frequentemente usada em sala de aula), a média de acerto de *Unterhaltung* ('conversa') é bastante mais baixa (sendo que metade dos

participantes afirmara não a conhecer). Tendo em conta os resultados de outros estudos, podemos concluir que a aquisição guiada pelos princípios semânticos, fonéticos e mesmo os morfológicos se inicia numa fase posterior de desenvolvimento linguístico.

A quarta questão prende-se com o nível de transferência da língua primeira, neste caso, o português. Alguns estudos sobre a aquisição da categoria género numa L2 propõem que os falantes com línguas primeiras que detêm o traço ‘género’ (como o português) têm mais facilidade em adquirir este traço numa segunda língua, comparando com falantes de línguas maternas sem essa categoria (e.g. inglês, mandarim). Os participantes do presente estudo são falantes nativos de português, uma língua com marcação de género gramatical. No entanto, são também falantes muito proficientes de inglês, língua que estudam na licenciatura e à qual apresentam um nível de dominância muito mais elevado do que a alemão (como demonstrado pelo questionário BLP). O inglês, ao contrário do português, não apresenta traço de género gramatical. Os resultados da TJG mostram que o português não influencia diretamente a atribuição do género em alemão, uma vez que as taxas de acerto são muito semelhantes quando o português e o alemão têm mesmo género comparando com os itens em que não há correspondência entre ambas as línguas. Também Stöhr *et al.* (2012), que analisam o conhecimento de falantes de alemão L2 com L1 italiano, mostram um baixo nível de transferência da L1 dos seus participantes. No nosso caso, poderá, no entanto, existir um efeito negativo do inglês, que poderá desacelerar o processo de aquisição da categoria género na segunda língua não nativa. Esta questão fica em aberto, uma vez que os dados não permitem responder-lhe com clareza.

Um dado que convém ainda mencionar prende-se com a comparação dos três géneros. Nas condições agramati-

cais existe uma diferença nas taxas de acerto de masculino, feminino e neutro, sendo o masculino o gênero mais acertado e o neutro o menos identificado. Esta observação vai ao encontro de estudos que propõem existirem diferenças na aquisição dos três gêneros, sendo o masculino o primeiro a ser adquirido por falantes nativos e não-nativos e o neutro o último (Flagner 2008, Müller 1990). Se olharmos para a distribuição quantitativa do gênero em alemão, há uma correlação entre a frequência do gênero e a sua ordem de aquisição: O masculino é o gênero mais frequente na língua alemã e o neutro o menos frequente.

Em conclusão, o presente estudo forneceu-nos algumas pistas sobre o conhecimento de aprendentes portugueses de alemão L2, no entanto, consideramos que é necessário incluir participantes com níveis superiores de proficiência e mais contacto com a língua alemã para desenharmos um quadro mais completo deste fenómeno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bauch, H. J. (1971). “Zum Informationsgehalt der Kategorie des Genus im Deutschen, Englischen und Polnischen”, *Wissenschaftliche Zeitschrift der Universität Rostock*, 20, 6, 411-419.
- Bialystok, E. (1978). “A theoretical model of second language learning”, *Language Learning*, 28, 1, 69-83.
- Birdsong, D., & Gertken, L. M., & Amengual, M. (2012). *Bilingual Language Profile: An Easy-to-Use Instrument to Assess Bilingualism*. COERLL, University of Texas at Austin. Web. 20 Jan. 2012. <<https://sites.la.utexas.edu/bilingual/>>.
- Corbett, G. G. (1991). *Gender*. Cambridge, U. K.: Cambridge University Press.
- Ellis, R., & Loewen, S., & Erlam, R. (2006). “Implicit and explicit corrective feedback and the acquisition of L2

- grammar”, *Studies in Second Language Acquisition*, 28, 339-368.
- Ellis, C., Conradie, S., & Huddleston, K. (2012). “The acquisition of grammatical gender in L2 German by learners with Afrikaans, English or Italian as their L1”, *Stellenbosch Papers in Linguistics*, 41, 17-27.
- Flagner, H. (2008). *Der Erwerb von Genus und Numerus im Deutschen als sukzessiver Zweitsprache*. Bukarest: Editura universităţii din bucuresti.
- Grossegeesse, O., & Koller, E. (2006). *Schnee von gestern? Die historische Dimension im Studium der Germanistik. Deutschkiosk Minho*. Braga: Departamento de Estudos Germanísticos.
- Han, Y., & Ellis, R. (1998). “Implicit knowledge, explicit knowledge and general language proficiency”. *Language Teaching Research*, 2, 1, 1-23.
- Köpcke, K.-M., & Zubin, D. (1984). “Sechs Prinzipien für die Genuszuweisung im Deutschen. Ein Beitrag zur natürlichen Klassifikation”, *Linguistische Berichte*, 93, 26-50.
- Lemke, V. (2008). *Der Erwerb der DP. Variation beim frühen Zweitspracherwerb*. Dissertation. Universität Mannheim.
- Mills, A. E. (1986). *The acquisition of gender: a study of English and German*. Berlin: Springer Verlag.
- Montanari, E. (2014). “Grammatical gender in the discourse of multilingual children’s acquisition of German”, *Linguistik online*, 64, 2, 57-68.
- Müller, N. (1990). “Developing two gender assignment systems simultaneously”. Em Meisel, J. M. (ed.), *Two First Languages. Early Grammatical Development in Bilingual Children*, 194-234. Dordrecht: Foris.
- Riedel, A., & Abrantes, A. M. (2017). *Forum Deutsche*

- Sprache in Portugal. Ergebnisbericht.* Lisboa: Embaixada da Alemanha, APEG, Goethe Institut.
- Ruberg, T. (2013). *Der Genuserwerb ein- und mehrsprachiger Kinder.* Hamburg: Verlag Dr. Kovač.
- Szagun, G., & Stumper, B. & Sondag, N., & Franik, M. (2007). "The acquisition of gender marking by young German-speaking children: Evidence for learning guided by phonological regularities", *Journal of Child Language*, 34, 445-471.
- Steinmetz, D. (1986). "Two principles and some rules for gender in German: Inanimate nouns", *WORD*, 37, 3.
- Stöhr, A., & Akpınar, D., & Bianchi, G., & Kupisch, T. (2012). "Gender marking in L2 learners and Italian-German bilinguals with German as the weaker language". Em Braunmüller, K., & Christoph, G. (eds.), *Multilingual Individuals and Multilingual Societies*, 153-170. Amsterdam: Benjamins.
- Wegener, H. (1995). "Das Genus im DaZ-Erwerb. Beobachtungen an Kindern aus Polen, Russland und der Türkei". Em Handwerker, B. (ed.), *Fremde Sprache Deutsch. Grammatische Beschreibung – Erwerbsverläufe – Lehrmethodik*, 1-24. Tübingen, Narr.
- Zubin, D., & Köpcke, K.-M. (1981). "A less than arbitrary grammatical category", *Chicago Linguistic Society*, 17, 439-44.

ANEXO 1

Bilingual Language Profile: Inglês/Alemão

Gostaríamos que nos ajudasse, respondendo às seguintes questões relativamente ao seu historial linguístico, utilização, motivação, identificação e proficiência. Este inquérito foi criado com o apoio do Centro Aberto de Recursos Educacionais e Aprendizagem de Línguas da Universidade do Texas, em Austin, para compreender melhor os perfis de falantes bilingues em cenários e contextos diversos. O inquérito consiste em 19 questões e demora menos de 10 minutos a ser completado. Não se trata de um teste, pelo que não há respostas certas ou erradas. Por favor, responda a todas as questões da forma mais sincera possível. Agradecemos muito a sua ajuda!

I. Informação biográfica

Nome _____

Idade _____ Masculino / Feminino / Outro Local de residência: cidade _____ país _____

Habilitações académicas (concluídas): _____

Habilitações académicas (em curso): _____

Citar como:

Birdsong, D., Gerken, L.M., & Amengual, M. *Bilingual Language Profile: An Easy-to-Use Instrument to Assess Bilingualism*. COERLL, University of Texas at Austin. Web. 20 Jan. 2012. <<https://sites.la.utexas.edu/bilingual/>>.

II. Historial linguístico

Nesta secção, gostaríamos que respondesse a algumas questões factuais acerca do seu historial linguístico, colocando uma cruz na caixinha adequada.

1. Com que idade **começou a aprender** estas línguas?

Inglês
 Desde o nascimento 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20+

Alemão
 Desde o nascimento 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20+

2. Quantos **anos de instrução** teve nestas línguas?

Inglês
 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20+

Alemão
 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20+

3. Depois de **quantos anos de instrução** começou a sentir-se confortável a usar estas línguas?

Inglês
 Desde que não me lembro 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20+ ainda

Alemão
 Desde que não me lembro 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20+ ainda

4. Quantos anos **passou no país** em que estas línguas são faladas?

Inglês
 0 até 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20+

Alemão
 0 até 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20+

5. Quantos anos passou numa **família** em que estas línguas são faladas?

Inglês
 0 até 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20+

Alemão
 0 até 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20+

6. Quantos anos passou num **ambiente de trabalho** em que estas línguas são faladas?

Inglês
 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20+

Alemão
 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20+

III. Uso das línguas

Nesta secção, gostaríamos que respondesse a algumas questões acerca da sua utilização das línguas, colocando uma cruz na caixinha adequada. O total para todas as línguas em cada questão deverá ser igual a 100%.

7. Numa semana típica, que percentagem de tempo usa estas línguas com amigos?

Inglês	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
Alemão	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
Língua materna	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%

8. Numa semana típica, que percentagem de tempo usa estas línguas com a família?

Inglês	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
Alemão	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
Língua materna	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%

9. Numa semana típica, que percentagem de tempo usa estas línguas na escola/universidade/trabalho?

Inglês	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
Alemão	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
Língua materna	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%

10. Com que frequência contacta com os meios de comunicação (televisão, internet, rádio, etc.) nestas línguas?

Inglês	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
Alemão	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
Língua materna	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%

11. Com que frequência lê nestas línguas (jornais, livros, notícias, etc.)?

Inglês	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
Alemão	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
Língua materna	<input type="checkbox"/>										
	0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%

IV. Competência linguística (Auto-avaliação)

Nesta secção, gostaríamos que avaliasse a sua proficiência linguística numa escala de 0 a 6.

Avalie a sua **competência linguística** nos seguintes domínios.

- | | | | | | | | | | | | | |
|------------------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| | 0=fraca | | | | | | | | | | | 6=muito boa |
| 12. a. Falar em inglês. | <input type="checkbox"/> |
| b. Falar em alemão. | <input type="checkbox"/> |
| 13. a. Compreensão oral em inglês? | <input type="checkbox"/> |
| b. Compreensão oral em alemão? | <input type="checkbox"/> |
| 14. a. Ler em inglês? | <input type="checkbox"/> |
| b. Ler em alemão? | <input type="checkbox"/> |
| 15. a. Escrever em inglês? | <input type="checkbox"/> |
| b. Escrever em inglês? | <input type="checkbox"/> |

V. Motivação e Identificação com as línguas

Nesta secção, gostaríamos que respondesse a afirmações acerca da sua motivação e identificação com as línguas numa escala de 0 a 6.

- | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| | 0=discordo | | | | | | | | | | | 6=concordo totalmente | | | |
| 16. a. Sinto-me bem quando falo inglês. | <input type="checkbox"/> | | | |
| b. Sinto-me bem quando falo alemão. | <input type="checkbox"/> | | | |
| 17. a. Identifico-me com a cultura inglesa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 0 | <input type="checkbox"/> | 1 | <input type="checkbox"/> | 2 | <input type="checkbox"/> | 3 | <input type="checkbox"/> | 4 | <input type="checkbox"/> | 5 | <input type="checkbox"/> | 6 |
| b. Identifico-me com a cultura alemã. | <input type="checkbox"/> |
| 18. a. Tenho interesse em saber o que se passa nos países onde se fala inglês. | <input type="checkbox"/> | 0 | <input type="checkbox"/> | 1 | <input type="checkbox"/> | 2 | <input type="checkbox"/> | 3 | <input type="checkbox"/> | 4 | <input type="checkbox"/> | 5 | <input type="checkbox"/> | 6 | |
| b. Tenho interesse em saber o que se passa nos países onde se fala alemão. | <input type="checkbox"/> | 0 | <input type="checkbox"/> | 1 | <input type="checkbox"/> | 2 | <input type="checkbox"/> | 3 | <input type="checkbox"/> | 4 | <input type="checkbox"/> | 5 | <input type="checkbox"/> | 6 | |
| 19. a. Sinto-me motivado em atingir um nível de proficiência elevado em inglês. | <input type="checkbox"/> | 0 | <input type="checkbox"/> | 1 | <input type="checkbox"/> | 2 | <input type="checkbox"/> | 3 | <input type="checkbox"/> | 4 | <input type="checkbox"/> | 5 | <input type="checkbox"/> | 6 | |
| b. Sinto-me motivado em atingir um nível de proficiência elevado em alemão. | <input type="checkbox"/> | 0 | <input type="checkbox"/> | 1 | <input type="checkbox"/> | 2 | <input type="checkbox"/> | 3 | <input type="checkbox"/> | 4 | <input type="checkbox"/> | 5 | <input type="checkbox"/> | 6 | |

ANEXO 2

Gramatical	Agramatical
Condições morfológicas	
1 A) <i>-er + masculino</i> der Fehler (o erro) (+) der Teller (o prato) (+) der Dosenöffner (o abre-latas) (+)	1 B) <i>-er + feminino</i> *die Kugelschreiber (a caneta) (-) *die Taschenrechner (a calculadora) (-) *die Hunger (a fome) (-)
2 A) <i>-chen + neutro</i> das Mädchen (a menina) das Würstchen (a salsicha) das Brötchen (o pão)	2 B) <i>-chen + masculino</i> *der Männchen (o macho) *der Pärchen (o casal) *der Gummibärchen (a goma)
3 A) <i>-ung + feminino</i> die Übung (o exercício) (-) die Unterhaltung (a conversa) (+) die Mischung (a mistura) (+)	3 B) <i>-ung + neutro</i> *das Erzählung (a história/o conto) *das Überraschung (a surpresa) *das Empfehlung (a recomendação)
Condições semânticas	
4 A) <i>espécie + neutro</i> das Pferd (o cavalo) das Huhn (a galinha) das Rind (o gado)	4 B) <i>espécie + masculino</i> *der Schwein (o porco) *der Schaf (a ovelha) *der Reh (o veado)
5 A) <i>masculino + masculino</i> der Affe (o macaco) (+) der Hase (o coelho) (+) der Löwe (o leão) (+)	5 B) <i>masculino + feminino</i> *die Floh (a pulga) (-) *die Hund (o cão) (+) *die Vogel (o pássaro) (+)
6 A) <i>feminino + feminino</i> die Katze (o gato) (-) die Maus (o rato) (-) die Ente (o pato) (-)	6 B) <i>feminino + neutro</i> *das Ziege (a cabra) *das Schlange (a cobra) *das Gans (o ganso)

Condições fonéticas	
7 A) <i>-t + feminino</i> die Luft (o ar) (-) die Frucht (o fruto) (-) die Welt (o mundo) (-)	7 B) <i>-t + neutro</i> *das Macht (o poder) *das Gewalt (a violência) *das Kraft (a força)
8 A) <i>-et + neutro</i> das Bett (a cama) das Fett (a gordura) das Tablett (o tabuleiro)	8 B) <i>-et + masculino</i> *der Ballett (o ballet) *der Quartett (o quarteto) *der Etikett (a etiqueta)
9 A) <i>-ts + masculino</i> der Pilz (o cogumelo) (+) der Schmerz (a dor) (-) der Scherz (a piada) (-)	9 B) <i>-ts + feminino</i> *die Pelz (a pele) (+) *die Kranz (a coroa) (-) *die Blitz (o raio) (+)
Total: 27 gramaticais + 27 agramaticais = 54 itens (18 x 3 condições)	
13 (+) alm=pt 14 (-) alm≠pt	